



S. BOAVENTURA — QUADRO DE MURILLO.

ESTE quadro é reputado uma das obras primas do fecundo pintor hespanhol Murillo: representa S. Boaventura na occasião em que, segundo as lendas, resuscitou depois de haver sido enterrado, e veio acabar os seus livros de commentarios que deixára incompletos. — O barão Taylor, a quem a França deve grande numero de preciosidades artisticas, trouxe de Sevilha a Paris esta bella pintura.

Estevam Murillo foi natural de Sevilha e nasceu no 1.º de janeiro de 1618: seus pais eram pobres; mas teve a fortuna de que um dos seus parentes era artista, Juan del Castillo, o qual lhe deu as primeiras lições da arte, com que medrou o talento do alumno de sorte que pouco depois mereceu ser admitido discipulo do famoso Velasquez, que figura á frente da escola hespanhola. — Murillo foi extremamente applicado, amante da vida tranquilla e domestica, por forma que a maior parte da sua vida passou em Sevilha, sua patria, fugindo o mais possivel de frequentar Madrid e a corte, para onde o chamava a nomeada dos seus talentos. Foi um grande pintor sem ver a Italia, e pintou infinito: as suas composições revelam a brandura do seu character; algumas são de subido merecimento. Na sé de Sevilha ha um qua-

dro seu, que representa o extase de um sancto, que é a tela de maiores dimensões e uma das mais acabadas obras que saíu das suas mãos: o duque de Wellington, querendo adquiri-lo para a galeria de Londres, offereceu por elle tantas onças de ouro da moeda hespanhola quantas fossem necessarias para cobrir a superficie do quadro, o que devia montar a uma quantia por extremo avultada: assim mesmo o cabido sevilhano rejeitou dignamente a proposta da venda. Murillo fundou uma academia de pintura na sua cidade natalicia, onde morreu d'enfermidade no anno de 1660.

S. Boaventura foi natural da Toscana, e nasceu em 1221; entrando na ordem franciscana chegou a ser geral. Por sua muita piedade, distinctos estudos, e serviços á igreja, Gregorio X em 1273 o nomeou bispo de Albano, e o fez cardeal. O seu transito foi em 1274 em Lyão de França. Sixto IV o canonizou em 1482: Sixto V o proclamou doutor da igreja. É conhecido pela antonomasia de doutor seraphico. As suas obras importantes são os Commentarios á Sagrada Escripura, e o Mestre das Sentenças.

HISTORIA DOS TELEGRAPHOS.

(Continuado de pag. 61.)

Só na epocha de Philippe pai de Perseu (seculo III), começou a fazer progressos entre os gregos a arte telegraphica, porque aquelle principe serviu-se muito de signaes nas suas guerras. Polybio dá no seu livro 9.^o muitas informações a este respeito, e nota com razão que é facil prevenir alguem de um acontecimento esperado por meio de signaes convencioneados. Porém, annunciar a realisação de successos imprevistos, de uma rebellião repentina, não póde fazer-se sem crear processos proprios para indicar as circumstancias que menos se podem conjecturar. Eneas, auctor de escriptos sobre a arte militar, e contemporaneo de Alexandre, tinha alvitado o estabelecimento de postos a certos intervallos: os *estacionarios* deviam estar munidos cada um com dois vasos identicamente semelhantes em largura ($4 \frac{1}{2}$ pés) e em profundidade (pé e meio), cheios d'agua e com torneira: sobre um pau, que atravessava um pedaço de cortiça boiante n'agua, escrevia-se a novidade que se queria communicar. Dispostos estes vasos por esta maneira, a primeira vigia levanta um pharol (*), a immediata levanta outro semelhantemente; assim advertidas de que estão á alerta, as duas vigias abaixam os pharoes e abrem as torneiras: a cortiça desce á medida que o nivel d'agua se abaixa, o páu pregado na cortiça abaixa-se tambem; e quando a phrase que se quer annunciar, e que está escripta no páu, tem chegado ao nivel do vaso, para mostrar que está completa, a primeira vigia alça de novo o pharol, do mesmo modo a segunda, e fecham-se as torneiras; assim por diante em toda a linha. — Este methodo era engenhoso; mas era preciso que tudo o que podesse acontecer fosse inscripto no bordão indicador: ora, muitas vezes não poderia isto ser, e a novidade sairia incompleta. Para obviar a este inconveniente imaginou-se pouco depois um novo processo: — tomaram-se as vinte e quatro lettras do alphabeto, divididas em cinco columnas. Por este methodo o que dá o signal iça dois pharoes; a vigia immediata levanta dois tambem para mostrar que está prompta: então a primeira vigia levanta o numero de pharoes estipulado á esquerda para indicar a columna a que pertence a letra que vai designar, e outros tantos á direita para indicar essa letra; por este systema um pharol á esquerda e dois á direita indicam a letra B. Este methodo é um tanto mais demorado, porém mais seguro.

Entre os romanos foi a telegraphia empregada muito mais tarde. Devia ser Polybio, commensal de Scipião o magno, quem a vulgarisou em Roma: comtudo parece que Cesar (liv. 2.^o de Bell. Gall.) fôra o primeiro do povo conquistador que se serviu de signaes de fogo para conhecer dos movimentos dos inimigos; e pelo emprego d'estes meios se poderá talvez explicar a rapidez e certeza das suas operações militares. Os gallos tambem tinham noticia de alguns signaes; por isso, quando os carnutos tomaram Orléans, espalhou-se a novidade por todas as Gallias « porque (diz o proprio Cesar liv. 7.^o) quando acontece alguma cousa importante e de interesse, os gallos advertem-se reciprocamente por clamores que trans-

(1) *Pharol* vem da palavra grega *pharos*, que exprime tanto a torre onde se accendiam fachos, como estes mesmos, ou grandes lanternas e lampeões para signaes; e tanta era a practica d'estes entre os gregos antigos, que no seu bello idioma achamos muitas palavras para os exprimir e os logares e modos onde e como eram feitos. Além d'essas, *symbola* significava os signaes transmittidos pelo som, e *systemata* os signaes invisiveis.

mittem através dos campos, e que são repetidos de perto em perto; de sorte que o successo de Orléans, passado ao nascer do sol, soube se na Alvernia antes das nove da tarde, não obstante a distancia de oitenta leguas. — Em epocha posterior os romanos abriram em todo o imperio admiraveis estradas, e de distancia a distancia erigiram torres, em que postaram *sentinellas* para passarem os signaes: ainda se divisam em Usés, Belle-Garde, Arles, Nimes, Besançon, etc., torres que deviam ter servido para aquellas participações telegraphicas: a columna Trajana apresenta nos seus portentosos baixos relevos uma torrinha, de uma fresta da qual sae um facho; o que nos dá a entender a maneira por'que eram feitos aquelles signaes.

Taes são as informações de mais vulto que n'esta materia nos fornece a antiguidade. Na idade media, esse methodo rapido de communicações foi usado em Constantinopola, onde geralmente se conservavam os conhecimentos antigos durante aquelle longo periodo. Para terem aviso da chegada dos arabes, os imperadores gregos haviam estabelecido uma linha de signaes de Tarso a Byancio. — Os arabes das Hespanhas, e tambem os hespanhoes, serviram-se igualmente do fogo, de bandeiras, e de tiros, á maneira de signaes. Por fim, no seculo XV, um monge chamado Trithemio publicou um systema de telegraphia (*steno-graphia trithemiana*) para fazer chegar as noticias a qualquer distancia: porém, excepto algumas noções incompletas, não é conhecido o meio proposto por Trithemio. Apesar de todos os esforços não poudes a antiguidade conseguir um systema telegraphico completo.

No seculo XVII, um francez, Amontons, membro da Academia das Sciencias, aproveitando os trabalhos dos antigos, e os descobrimentos dos modernos em optica, propoz um methodo novo de communicações. Com effeito, para escrever de longe é preciso que se veja de muito longe; e os progressos modernos são devidos á applicação dos telescopios á telegraphia; o que permittiu poderem ser diminuidos os postos para os signaes. Restava ainda vencer uma difficuldade: — deveriam empregar-se os signaes alpheticos para compôr as palavras e phrases?.. A esse methodo demorado e difficil substituiu-se outro inteiramente novo: recorreu-se aos numeros. Reduzidos d'esta fórma os signaes a pequena quantidade, practicados por machinas mui simples, e vistos pelo telescopio, constituiu-se a telegraphia moderna.

Seria difficil de comprehender por que razão a ideia de Amontons, posto que imperfeita, não foi logo ensaiada para se aperfeioar, como fez Chappe, se porventura não fosse cousa sabida que os povos não se servem senão dos objectos de que carecem. Os governos europeus dos seculos XVII e XVIII não experimentavam a necessidade das communicações instantaneas; e o pensamento de Amontons foi gabado e admirado, mas como pura curiosidade. Coube á revolução franceza, que inentiu no mundo tão prodigioso movimento, e que proclamou a forte alliança dos povos, o pôr em exercicio os primeiros telegraphos. — Tinha Chappe (como já dissemos) apresentado á Assembleia legislativa a sua machina; no anno seguinte, 4 d'abril de 1793 (vid. Monitor pag. 417). Romme, por parte das duas commissões reunidas da instrucção publica e da guerra, leu o relatório sobre aquelle descobrimento. «Em todos os tempos (disse) foi reconhecida a necessidade de um meio rapido e seguro de correspondencia a largas distancias. Sobretudo nas guerras, quer por mar quer por terra, importa dar a saber instantaneamente os numerosos acontecimentos successivos, transmittir ordens, annunciar os socorros a uma praça ou a um corpo que atacassem etc.

A historia conserva memorias de muitos methodos concebidos n'esta intenção; porém a maior parte foram abandonados por incompletos e de practica difficilissima. Passando depois á apreciação do systema de Chappe disse o orador... «que offerencia um meio engenhoso de escrever no ar, desenvolvendo caracteres pouco numerosos, simplicios como a linha recta de que se compoem, entre si mui distinctos, de execução veloz, e sensivel a grandes distancias.» O relator observa mais que, não tendo conhecimento do valor dos signaes os agentes intermediarios, não podem ser violados os segredos. — A convenção votou a quantia de seis mil francos para se estabelecer uma linha de correspondencia d'extensão tal que permittisse obter resultados concludentes. — Em 26 de julho de 1793 (Monitor pag. 894) Lakanal, em nome da commissão, deu conta das experiencias feitas segundo o methodo tachigraphico proposto pelo cidadão Chappe. No relatório descreve o machinismo com individuação; declara que tiveram logar as experiencias a 12 de julho n'uma linha de nove leguas; que o segredo das participações não era sabido dos homens dos postos; e que a transmissão de um aviso de Paris a Valenciennes (*) poderia effectuar-se em treze minutos e 40 segundos; que o preço necessario para collocar uma linha telegraphica entre as duas cidades seria de 58000 francos. A assemblea approvou e decretou unanimemente a proposta da commissão, isto é, o estabelecimento da sobredita linha, e concedeu a Chappe o titulo de engenheiro telegraphico, com o vencimento de tenente d'engenheiros. A Convenção se apressara a lançar mão d'este meio extraordinario de communicação: os seus inimigos, que não estavam preparados, a cada instante se deviam achar embaraçados; porque a actividade infatigavel d'esta assemblea apparecia em toda a parte, tinha modo de saber tudo e de fazer constar tudo com a rapidez da sua voz energica. — Algum tempo depois da adopção da proposta, o presidente, na abertura da sessão, participou á assemblea que o telegrapho annunciara a tomada de Condé. A Convenção resolveu que o exercito do norte era benemerito da patria, e que a cidade de Condé ficasse d'ahi ávante com o nome de Norte-Livre. Passados alguns minutos o presidente declarou que o decreto havia chegado a Condé, que se imprimia, e que o exercito applaudia a resolução da assemblea; esta, comprehendendo todos os vantajosos resultados que se podiam colher da invenção telegraphica, decretou a formação de muitas linhas para ligar as fronteiras, e todas as partes da França, a Paris, afim de por este modo presidir aos exercitos quasi pessoalmente, e concentrar a acção peculiar dos departamentos no centro geral do estado, em virtude da presteza das communicações. Napoleão, nas suas immensas campanhas, tambem tirou grandissimo proveito do telegrapho, sobretudo na de 1805, a respeito do que se podem consultar os escriptos do general Jomini. Tinha feito estabelecer uma linha de Munich a Strasburgo; e quando os austriacos, julgando-o entretido com o meditado desembarque na Inglaterra, avançaram sobre o Rheno, sem esperar os seus alliados russianos, Napoleão, informado dos primeiros movimentos, partiu pela posta, acompanhado logo de uma parte das suas tropas, seguindo-o a outra a marchas forçadas, e por meio de manobras admiraveis, tomando pela retaguarda os austriacos em Ulm, constrangeu 40000 homens encerrados n'uma praça forte a depôr as armas sem disparar um tiro.

(Continua.)

(1) Antiga capital do Hainaut francez, a 53 leguas franc. distante de Paris, no departamento do Norte.

O FRITOR DE CANTÃO.

Novella.

O IMMENSO imperio da China, que comprehende 688000 leguas quadradas (isto é a terça parte da Asia) e 350 milhões d'habitantes, por um só ponto está aberto ao commercio da Europa, e mesmo assim com restricções que até o novo tractado, a que a Inglaterra o obrigou, pouco pode modificar. Ainda hoje é o Tigre o unico rio do celeste imperio aberto á navegação dos barbaros europeus; mas uma frota, que está sempre na foz, vigia os navios que por elle acima vão ter a Cantão. Compoem-se de juncos de guerra cujos mastros, curtos e massigos, todos carregados de bandeirolas de côres, tem nos topos o pavilhão amarello com o dragão imperial (*) Estes navios que não passam de grandes chalupas mal construidas, rebeldes á manobra, por terem as pôpas elevadas causa de trinta palmos acima d'agua, raras vezes se aventuram a sair ao mar. Toda a sua artilheria consiste n'algumas peças pintadas de vermelho, assentadas no meio da tolda.

Além d'isto ha pelas duas margens do rio fortes ourigados de mastareus; no alto dos quaes fluctuam bandeiras de todas as côres. Quando alguma embarcação quer subir pelo rio sem licença deitam-se foguetes em todos estes fortes para dar aviso, penduram-se lanternas nas canhoneiras, e os artilheiros chins commecam um fogo lento, desigual, e quasi sempre inutil.

A entrada do Tigre se acha a ilha de Lin-tin, onde os navios inglezes trazem o opio, cuja introdução é prohibida em toda a China com pena de morte. Ahi o vem buscar as pequenas barcas de contrabandistas, armadas de quarenta remos, que o espalham depois por toda a parte. De seis em seis mezes um mandarim imperial desce pelo rio, n'um junco envernizado e dourado, que se conhece de longe pelos dois parasóes que traz na tolda, para verificar se as leis se cumprem; porém, como os negociantes inglezes costumam compra-lo, manda sempre annunciar em segredo a sua vinda, e d'este modo quando chega a Lin-tin nunca encontra navios, nem contrabandistas, nem opio.

Mais acima, no Tigre, ha um porto chamado *wampoa* onde os navios surgem para carregarem de chá, algodão, seda, assucar, vermelho, cochenilha, camphora, porcelana, almiscar e tartaruga. Divide-se aqui o rio em dois braços, cujas margens estão cheias de barcas velhas encalhadas, com seus toldos feitos de bambus entrançados, as quaes servem de cabanas.

Os dois braços do Tigre reúnem-se em Cantão, que é uma cidade de perto de trezentas mil almas, defendida por muralhas de cinco leguas de circuito, edificada em parte á beira do rio sobre estacas, e que se compoem na realidade de tres cidades distinctas: a primeira assentada ao longo do Tigre comprehende mais de mil *champan*s, que servem ao mesmo tempo de barcas de passagem e de habitações; a segunda cidade abrange as feitorias europeas e americanas; finalmente a terceira, separada d'esta por muralhas, e por uma porta por onde aos europeus não é permitido passar, fórma a verdadeira cidade china.

Ao pé d'esta mesma porta, mas do lado em que móra a gente da Europa, é que escolhemos o logar da nossa scena para a introdução d'esta historia.

Dois homens seguidos de criados, que lhes vinham fazendo sombra com amplos parasóes, se encaminhavam para a banda do rio, de vagar e conversando.

(1) O amarello é cor exclusiva do imperador e da sua familia.

O vestuário do mais idoso era uma sotaina de seda lavrada, calças largas de tafetá, e barrete acolchoado debaixo do qual saía um longo rabicho entrançado que lhe chegava ás curvas das pernas. Ainda quando a sua têt côr de limão, a pequenez dos olhos, o pintado das sobrancelhas, e a barbinha curta e bicuda, deixassem a mais pequena duvida a respeito da sua raça os signaes de avareza, de velhacaria, e de pusillaninidade, espalhados por todo elle, bastariam para dar a conhecer que era chin. Ao seu companheiro, pelo contrario, que vestia de nankim. máxi europea, lia-se-lhe no rosto o desembaraço, franqueza, e audacia, filhas do habito de mandar e da natural valentia. Ambos conversavam em voz baixa e na lingua china.

— «Torno a repetir, You-hi, dizia o europeu, que a companhia americana não pôde soffrer taes ladroenras; os direitos que lhe chupa o vosso hou-pou (1), em dois annos, dão com ella em terra. Acha pouco metter a bordo dos nossos navios guardas d'alfandega que furtam até as cordas; e no inventario da carga triplica o numero das varas das peças de panno, repete a contagem das caixas de ferragens, e vale-se de quantas manhas pôde para augmentar os direitos. Ainda ha pouco, verbi grãtia, não poz a alcunha de espelhos a uns vidros lisos de Bohemia, e de agathas a pederneiras d'espingarda? É muito abusar. You-hi, sabeí que isto não dura.»

O china fez um gesto de afflicção.

— «Ah! que posso eu fazer? disse elle; o hou-pou é um homem avarento; a companhia fez mal em lhe apresentar a mão meia aberta quando era preciso abri-la toda.»

— «Pelo céu! bradou o feitor americano, não temos nós feito bastantes sacrificios? não tem recebido o vosso director da alfandega em pannos, em aço, em vinhos de França, em obras de ourives, para cima de cinco mil dollars? Não podemos dar mais, e a vós, You-hi, compete desenganar o hou-pou.»

You-hi quiz escusar se.

— «Por força, replicou o americano com firmeza. O imperador, quando concedeu o privilegio exclusivo do commercio estrangeiro aos doze negociantes que formam isso a que chamais *Kong-han*, quiz que elles servissem de medianeiros obrigados e de procuradores dos *barbaros*. Quando chega algum navio nosso sois vós que lhe forneceis os mantimentos, que pagais os direitos da carga, que tirais o *chop* da saída (2). N'uma palavra, sois os nossos mandatarios, tendes obrigação de sollicitar que nos façam justiça.

— «Mas por que meio se ha de alcançar, mister Effendon? disse You-hi, com vozes maguadas. Não sabeis que os desgraçados *hanistas* (3) são o malhadeiro onde vem bater todos os pontapés, que não se atrevem a dar em vós outros por serdes estrangeiros? Mettidos entre os nossos superiores e os europeus, como o ferro entre o martello e a bigorna, aparamos toda a pancadaria sem lhe podermos fugir com o corpo.»

— «Pela minha alma! Isso compete-vos, You-hi, replicou Effendon; sois tão experto no negocio que haveis de achar remedio para amansar o hou-pou. A companhia, que vos enriquece, tem jus a que lhe retribuais com uma protecção real; tractai de lh'a dar, quando não vae a cousa por mal, e deitam-se no Tigre ahí uns doze guardas da alfandega.»

— «Que dizeis! exclamou o china, cujos olhinhos exprimiam terror; mister Effendon diz o que não sente?»

— «Pelo contrario, estou persuadido que era uma lição util e capaz de fazer os empregados mais imparciaes.»

— «É eu, mister Effendon, interrompeu o china sobresaltado; já vos não lembra que por ser *hanista* respondo por tudo que fizerem as vossas tripulações? Se negam o pagamento d'um direito pago-o eu; se fazem alguma desordem o mandarim mette-me na cadeia; se afogarem os guardas a mim é que me cortam a cabeça!»

— Bem sei, retorquiu o americano, sorrindo sem mostrar abalo; e por isso assentei que vos devia avisar antes de ir ás do cabo. Ide ter com o director da alfandega; fazei o ajuste; abri a mão, como dizeis ha pouco, e deixai cair na bocca d'aquelle tubarão um pouco do ouro que tendes ganho com a companhia. É preciso saber fazer um sacrificio a tempo.»

You-hi suspirou, sem dizer palavra; conhecia o genio inflexivel de Effendon. Seguiu-se uma grande pausa, durante a qual chegaram ambos á frontaria do palacio do hou-pou, facil de differenciar pelas cabeças de dragão, que lhe ornavam a portada, por cima das quaes estavam pendurados grilhões e chicotes, symbolos do direito de julgar.

— «Estais á porta, disse Effendon ao china, apontando para o palacio; advogai bem a vossa causa: haveis de vence-la se quizerdes: com a vontade abalam-se montanhas.»

— «Sim, é o vosso estribilho; porém nós temos um proverbio que diz que o mais habil letrado não pôde obrigar a aranha a fiar seda! Todavia eu hei de me empenhar, e sabereis a resposta do hou-pou esta tarde vindo jantar á minha casa de verão... penso que recebestes o meu convite.»

— «Em papel vermelho, escripto com tincta de ouro! Lá vou sem falta.»

O china fez-lhe com a mão um signal de despedida, e separaram-se.

Effendon costumava cumprir o que dizia, e You-hi julgava-o capaz de pôr em practica, ao menos em parte, a ameaça que lhe fizera, sem lhe importarem as consequencias nem os trabalhos em que podia metter o *hanista* ou metter-se a si. Havia quasi dez annos que elle dirigia a feitoria da sua companhia, e sabia por experiencia que o meio mais seguro de obter justiça era faze-la por suas proprias mãos, e que da violencia resultavam menores perigos que do longo soffrimento. Não se podendo resolver a entranhar-se, como os chins, no labyrintho de trapaças e mentiras em que elles gyram tanto por inclinação como por interesse, tinha-se costumado a caminhar direito pelo meio de todas as suas alicantinas, exigindo reparação de cada offensa, e tomando-a por suas mãos quando lh'a negavam. Esta especie de inteireza rigida e audaz tinha feito por fim que o *Kong-hang* lhe cobrasse medo, assim como os empregados imperiaes, auctorizados para commetterem injustiças e latrocinios, mas não para provocarem um rompimento completo. (Continúo)

GUARDA ESCOCEZ DOS REIS DE FRANÇA.

CARLOS VII, que reinou em França desde 1422 a 1461, e que pelas vicissitudes das armas esteve muitas vezes a ponto de perder a liberdade e a corda, foi o primeiro que fez organizar uma companhia de guardas escocезes para a pessoa do rei, quer na paz quer na guerra, em commemoração dos serviços que recebera, em sua varia fortuna, das tropas d'aquella nação: denominou-a dos bésteiros do rei, porque eram armados de arcos e frechas. — Luiz XI engrossou consideravelmente esta companhia, e lhe concedeu pri-

(1) Director das alfandegas.

(2) Licença.

(3) Membros do *Kong-han*.

vilegios honrosos e boa paga, não se poupando aos meios de grangear a afeição d'aquelles valentes estrangeiros, que no dilatado periodo da duração d'esta guarda sempre na verdade se distinguiram por desempenho exacto das suas obrigações e escrupulosa fidelidade. Luiz XI, astuto, cruel e dissimulado, só nos escocozes punha inteira confiança, e costumava dizer que a companhia escocozia tinha nas suas mãos a sorte da França, porque elle lhe havia confiado a sua real pessoa.—N'esta companhia fez Walter Scott entrar o heroe de uma das suas melhores novellas — Quintino Durward — e ahí se acham entresachadas com os incidentes da narração muitas particularidades que pintam bem a indole e serviço do corpo escocoz, como pode ver-se na traducção feita do original inglez pelo Sr Ramalho, publicada em 4 vol. em 1838, e impressa na antiga typographia do nosso jornal.

Esta guarda continuou nos subsequentes reinados, porem gradualmente se foi compondo de francezes a datar do reinado de Henrique 4.^o; de fórma que em tempo de Luiz XIV a companhia só era escocozia de nome; officiaes e simples praças eram todos francezes. Então a companhia constava de cem cavalleiros ou guardas, dos quaes só vinte e cinco recebiam soldo; formava na frente das outras tres companhias da guarda; na igreja postava-se no choro; recebia as chaves da casa real; e no prestito funebre dos monarchas competia-lhe levar o corpo do rei defuncto para o jazigo de S. Dyonisio. Em summa, gozava na corte de muitos privilegios, que seria longo enumerar. — A estampa representa um guarda escocoz, em tempo de Luiz XV, com o fardamento dos dias sollemnes, que na primitiva creação do corpo, no reinado de Luiz XI, e ainda muito tempo depois, era inteiramente differente, trajando os guardas á sua moda nacional, e trazendo sempre por distinctivo a gorra escocozia.



GUARDA ESCOCEZ DOS REIS DE FRANÇA.

CARTAS INEDITAS DE D. JOÃO DE CASTRO.

Carta do Visorei D. João de Castro aos vereadores, juizes, povo de Chaul.

Bem creio que a todos vos será notorio quanta justiça tenho feito a christãos, mouros e gentios, depois que sou n'esta terra; e assim quão inteiramente tenho guardado as pazes e cumprido os contractos que os governadores passados fizeram com os reis e grandes senhores da India, em nome d'elrei de Portugal meu senhor, e quantas amizades todos tem achado em mim, deixando navegar suas náus seguramente pera todas as partes, e trazendo armados n'esta costa contra corsarios, que molestavam os seus mares e portos, e roubavam os mercadores, que de um lugar para outro trasfegavam em proveito de suas republicas. Dos quaes beneficios mais que todos gozavam os guzarates e seu rei. Ora estando eu seguro e descansado na amizade antiga dos guzarates, por estas e outras muitas boas obras, e assim mesmo o seu capitão Coje Çofar, pelas muitas amizades que cada dia de mim recebia, agora como todos sabeis quebrantando a fé e contractos de pazes, que com elrei nosso senhor tinham feito, jurado, e promettido, como desleaes e fementidos vieram a pôr cerco sobre a fortaleza de Diu.

E posto que eu tenha muita experiencia da lealdade mui antiga dos portuguezes, e grande confiança em suas forças e valentia, e no vivo e natural amor que todos geralmente tem a seu rei; e que a fortaleza de Diu esteja tão forte, assim por sitio natural e industria dos homens, e que dentro esteja tal capitão, fidalgos, e lascarins, que seguramente possa estar descansado, com ajuda de Nosso Senhor, de poder acontecer desastre; todavia como pae que sou de todos, e desejoso sobre todas as cousas de suas vidas, honras, e proveitos, dão-me grande cuidado os seus trabalhos, em quanto eu pessoalmente os não posso ir socorrer, e vingar, das traições dos guzarates. Por tanto determinei de vos fazer a saber meu proposito, e aperceber pera a empreza que ora quero tomar de Cambaia.

Eu tenho mandado recolher talacas, fustas, e catures, que se acharem em toda a costa da India, e faço huma armada, n'esta cidade de Goa, de cem fustas e catures, na qual irá por capitão mór D. Alvaro meu filho.

E eu quero-me ir assentar no lugar de Baçaim, com trezentos de cavallo, pera ir por terra, e elle por mar irmos destruindo essa costa; e espero em Nosso Senhor de amostrar as armas dos portuguezes ao proprio rei de Cambaia, pera se acabar de certificar quamanha differença a de nós aos mogores e patanes, rumes, e toda a outra nação do universo; e dar escala franca assim aos do mar como aos de terra. E porque eu não saberia entrar em semelhantes emprezas sem vossa ajuda e conselho, vos peço a todos em geral e a cada um em especial muito por mercê, que queirais estar prestes com vossas armas e cavallos, pera com minha pessoa em companhia do vosso capitão passardes a Baçaim, e serdes presentes a esta guerra, a qual assim por ella ser justa, e feita por taes cavalleiros, tenho por certo alcançarmos grandes e gloriosos triumphos, e verdadeiramente que todas as vezes que me lembra como levo a esta guerra tanto nobre cavalleiro de Goa, acostumados sempre a vencer, e como os lascarins derramados pela India se vem todos para mim, com grande e notavel alvoroço de triharem e passearem as terras de Cambaia, e como vos hei de achar, oh cidadãos de Chaul, ao meu lado com vossas armas luzentes, e corações grandes e fortes, que assim entro a fazer esta guerra como a mui-

to certa e averiguada victoria, ousou de vos pedir isto com tão pequenas palavras, porque sei que pera as cousas semelhantes, e de tanto serviço d'elrei nosso senhor, nunca houvestes mister esporas; e sendo estas obras tão de vossas proprias naturezas, e exercitando-as em tempo de governadores da vossa mui nobre cidade pouco amigos e favoraveis, que se poderá esperar agora que militais debaixo de minha disciplina, que sempre vos fui tanto amigo e companheiro, assim no tempo que n'estas partes se serviu elrei nosso senhor de mim de soldado, como agora que por sua grande e real clemencia, e muita virtude, me entregou a governança d'estas partes da India, e me fez capitão geral de toda ella.

Eu fico tão confiado em me todos ajudardes a fazer esta guerra aos guzarates, que me parece ver-vos já correr os seus campos, e entrardes suas cidades, e saqueardes suas terras, de maneira que pera todos seja exemplo, pera que não usem outra vez de tentar estas e outras semelhantes novidades. Nosso Senhor vos tenha a todos na sua guarda, e nos ajunte e conserve n'este proposito. Escripta em Goa a 3 de maio de 1546.

Resposta dos vereadores de Chaul a D. João de Castro, visorei da India.

É Notorio é a christãos, mouros e gentios, que a maior mercê que nos Deus e elrei nosso senhor fez, foi a vinda de V. S. a estas partes; e bem se póde crêr que n'elle anteveio influencia divina em S. A., porque de quão arriscada e damnificada estava ao tempo de sua chegada, está agora no estado que deve; e isto pelo muito cuidado e vigilancia que elle tem, principalmente no auto militar, em que claramente mostra sua tenção ser segurar nossas pessoas, e familia, e o estado de S. A. É posto que este beneficio fosse commum a todos os que habitam n'estas partes da India, nós fomos os que em particular participámos mais d'elle, pelas muitas aventajadas mercês e honras, que temos recebido de V. S. Polo que nunca desejamos outra cousa senão offerecer-se alguma, por que a experiencia manifestasse nossas vontades, com obras que mereçam tal beneficio, presuppondo sempre que nossas palavras até o presente haveria por verdade nua, que (não) é duvidosa.

Quiz Nosso Senhor chegar-nos a tempo, que por uma sua carta dada pelo capitão em camara, soubermos d'esta jornada, que quer fazer contra estes guzarates e inimigos desagradecidos, dignos de sentirem a ira de V. S.; os quaes assim devem ser punidos como escravos que tomam as armas contra seus senhores, pois sendo a elles notorio quanto toda a outra nação de todas as tres partidas, de animo mais viril que elles, nos tem aquelle acatamento, e temor, que se nos deve; e como a vencidos e privados de forças lhes demos paz e socego, mais movidos de clemencia que por outra necessidade, quizeram intentar esta malicia e rotura, não attentando que por elles se podia dizer que as cousas sanctas se deram aos cães, e as pedras preciosas a porcos.

Pelo que lida a carta, vendo a tenção e proposito de V. S. querer-se servir de nós n'este tempo, e dar-nos tamanha honra, que é a maior mercê que nunca recebemos, pelo desejo que já tínhamos e immenso amor interior, por isso sem mais silencio fallarão as boccas offerecendo-nos todos ao capitão, que tão bem no-la encommendou. V. S. nos tem aqui prestes com nossas pessoas, armas, cavallos, navios, e fazenda, por todo o tempo que quizer, e quando pera isso não supprimem as fazendas, nossas mulheres nos offerecem as joias, como fizeram as romanas di-

gnas de grande louvor e memoria, no Capitolio; por que assim como Deus favoreceu e ajudou aos reis do Israel, e aos Machabeus que velavam, e a nós, manifestando suas maravilhosas obras nas muitas victorias, que até aqui nos deu a tão poucos, se não fieis ainda que peccadores contra tantos inimigos de sua sancta fé, que muito melhor o fará agora comnosco, levando estas duas cousas por nós, justa guerra, e grande esforço e magnanimidade de V. S. na guia. No qual temos por mui certo que fallecendo-nos as forças cobremos outras novas, vendo seu constante animo e proposito ser convertido em serviço de Deus; e prazerá a elle que não menos será temido n'esta passagem do que foi Annibal quando passou os Alpes, e por isto ser assim como e mesmo Annibal dizia em sua oração: as principaes armas seja concebermos ira contra estes inimigos, que nos querem desprezar, e teremos a victoria por mui certa. De maneira com que a congregação dos fieis em sua companhia, e esta nossa igreja militante venha alcançar a triumphante, e aquelle summo bem, e os inimigos se não atrevam a outras taes malicias. Pera isto tudo ratificar e concluir em poucas palavras, tornamos a dizer que estamos muito prestes, como leaes portuguezes, com os pés nas estribeiras, como se o já vissemos ir e muito alyoroçados, pera os seguirmos com as nossas pessoas, as quaes tivemos sempre e temos a seu serviço, por respeito de sua pessoa, á qual nunca recusaremos pôrmos as nossas, e as fazendas e filhos, pela muita obrigação em que somos a V. S. a que Nosso Senhor augmente os dias da vida e estado por muitos annos. Amen. Escripta em camara d'esta cidade de Chaul a 22 dias de maio. Francisco da Veiga escrivão a fez. Anno de 1546.

SUPERSTIÇÕES DOS ARABES ANTES DE MAFOMA.

AINDA agitava o Oriente a queda do imperio romano e do polytheismo, quando Mafoma n'elle veio fundar um novo imperio e uma religião nova. Se para firmar o direito dos homens á fama se devesse ter em conta o ponto d'onde partiram, as difficuldades das emprezas e dos successos mais prodigiosos, nenhum homem talvez se poderia comparar com Mafoma. Fóra das circumstancias favoraveis que muitas vezes preparam ou trazem os acontecimentos; só por só n'uma epocha de pleno socego na terra natal, em que os animos não appresentavam symptomas d'innovacão, Mafoma, ou Mohamed, como lhe chamam os arabes, ousa de repente formar e levar ao cabo um projecto cujo pensamento bastára para amedrontar o mais atrevido novador; projecto que consistia em lançar por terra as instituições existentes, reformar os costumes nacionaes, destruir tudo, arrastar tudo apoz si, e apparecer a final aos olhos dos seus compatricios feito propheta, legislador, e rei.

Viviam os arabes na mais ridicula superstição, e n'uma absoluta corrupção de costumes; comtudo era crime capital atacar-lhes o culto, e censurar-lhes as leis e os usos, mesmo na parte mais insignificante. Nenhum réu de taes crimes escapava da severidade das penas, e nem os intrepidos apostolos do christianismo ousavam fazer neophytos na Meca; o que prova que n'esta epocha não era facil mudar as idéas religiosas. Mas quando uma intelligencia superior realisa um vasto plano, logo o vulgo, que raras vezes mede os perigos das emprezas, e se limita a avaliá-los pelo resultado, julga esse plano facil de levar a effeito. Nada era mais difficil do que introduzir então mudanças na Arabia. Parecia reservado para Mafoma vencer todos os obstaculos, lançar por terra os idolos, desarraigat as superstições, promulgar no-

vas leis, prescrever novos costumes, e crear, para assim dizer, uma nação nova. Chegou ao mais a que podia chegar, porque dentro da sua propria patria conseguiu ser reconhecido e acatado como se fôra na verdade enviado do Eterno.

Mais para o diante esboçaremos a vida de Mafoma, e analysaremos o Koran: por em quanto resumiremos as fabulas que os orientaes recitam ácerca das personagens anteriores ao propheta. Parte d'estas fabulas se acham no Talmud e nos livros dos rabinos. Dir-se-hia que á excepção do que os musulmanos tiraram da Biblia, se empenharam em reproduzir as circumstancias mais extravagantes e alheias da razão.

Os musulmanos reconhecem, como nós, anjos bons e anjos máus. Entre os bons distinguem os quatro archanjos, Gabriel, Miguel, Azrael, e Azrafel, aos quaes chamam os *approximados*, por estarem sempre estes anjos ao pé do throno de Deus, promptos para cumprir as suas ordens: Gabriel tem a seu cargo levar as mensagens celestes; Miguel preside aos elementos e em particular á chuva; Azrael recebe as almas dos homens, e por isso lhe chamam o anjo da morte; finalmente Azrafel é o guarda da trombeta celeste, e quem a ha de tocar no fim do mundo. Os musulmanos prezam Gabriel mais que os outros, porque dizem que este archanjo era amigo intimo da sua nação, e foi escolhido pelo Eterno para annunciar a Mafoma a sua missão prophetica. Por isso o nome de Gabriel se acha repetido nos monumentos; ora designando-o pelo nome de *Pavão do jardim do Paraizo*, em razão de Gabriel brilhar com luz propria entre os entes angelicos bem como o pavão brilha entre as aves; ora dando-lhe os titulos de *Fiel Depositario*, e d'*Espirito Sancto*, por ser o confidente das vontades de Deus, e ter-lhe cabido a prerogativa de communicar a Mafoma todos os preceitos do islamismo. Mafoma diz no Koran: «Quem é inimigo de Gabriel seja confundido!» Para o archanjo Miguel olham os musulmanos com alguma desconfiança; na sua opinião, o archanjo Miguel amava os judeus, e se Deus lhe dêsse ouvidos nunca o islamismo florecêra sobre a terra. Dos anjos máus, o de mais nomeada é Iblis, que se poz á frente dos anjos rebeldes, e, segundo o Koran, foi precipitado do céu mais elles, á pedrada com pedras em braza: é o Diabo dos christãos, e o Satanaz dos judeus. Em memoria da sua tragica aventura, não lhe chamam os arabes senão o *Apedrejado*.

Depois dos anjos, admittiram os musulmanos uma raça intermedia, que é a dos genios. Os genios, segundo o Koran, avizinham-se aos anjos em terem sido tirados como elles da substancia do fogo, e avizinham-se á natureza do homem em beberem e comerem como elle; uns eram machos e outros femeas. Distinguem-se muitas especies de genios: são as fadas e os demonios do Oriente. Como, na opinião dos arabes, a terra ou cousa semelhante existia antes de Adão, suppozeram que a habitaram genios por muitos milhares d'annos, e que só depois de conhecida a impossibilidade de os conservar na virtude, é que Deus tomou a resolução de crear o homem. Quasi toda a raça de genios foi então extinta: o pequeno numero dos que escaparam ao desastre foi degradado para certos logares distantes da terra. Reza-se d'elles outra vez na epocha em que Salomão os constrangeu a trabalhar nos edificios que o tornaram celebre. Em tempos mais recentes abraçaram alguns genios a religião de Mafoma.

Os musulmanos chegam-se mais ás nossas crenças no que dizem de Adão e Eva. Acrescentam que Adão, depois de peccar, foi lançado pelo anjo do Senhor na

ilha de Ceylão, no sitio onde está a montanha chamada ainda nos nossos dias *Pico d'Adão*, e que Eva foi desterrada para as costas do mar Vermelho, e logar onde depois se edificou Meca. Os dois esposos viveram assim separados mais de dois seculos; a final o Eterno, compadecido das suas lagrimas, os reuniu nas vizinhanças de Meca. Ainda alli se mostram hoje os vestigios da sua morada. Depois de terem dado o ser ao genero humano veio o anjo da morte apresentar-lhes da parte de Deus uma taça que lhes poz termo á vida. Dizem os historiadores arabes que esta taça serviu successivamente a todos os prophetas; d'aqui se derivou sem duvida a expressão tão commum entre os orientaes, *beber na taça da morte*, ou simplesmente *provar a morte*, isto é, *morrer*. Consideram Adão como propheta, e estão capacitados de que elle tinha na fronte um raio de luz muito parecido com o que os pintores poem na cabeça de Moysés. Acrescentam que Deus lhe mandara dez livros de revelações, com o auxilio dos quaes deviam os seus descendentes seguir a estrada recta; mas estes livros não nos chegaram.

O raio prophetico passou d'Adão a Seth, de Seth a Enoch, d'Enoch a Noé, e de Noé a seu filho Sem. Os musulmanos citam depois d'elle os dois prophetas Houd e Saleh, de que a Biblia não falla. A Houd determinou o Senhor que fosse prégar a fé a algumas tribus d'arabes nomades, povos notaveis pela sua estatura desmarcada; os mais pequenos tinham sessenta covados, e com difficuldade achavam arvores com a altura necessaria para servirem d'esteios ás suas barracas. Como padeciam desde muito tempo uma secura horrivel, appareceu lhes Houd dizendo-lhes: «Oh, meus irmãos! adorai o Deus verdadeiro, o Deus unico, e elle fará descer a chuva do céu sobre os vossos campos requeimados.» Não quizeram os impios ouvir estas palavras; accusaram-n'o de louco, e ameaçaram-n'o com a morte. O Senhor irritado suscitou contra elles um vento espantoso que os exterminou, sem poupar senão o pequeno numero dos que tinham dado credito a Houd. Narra este successo o Koran.

Saleh foi incumbido da reconducção de certos povos chamados temuditas, os quaes, segundo a opinião commum, habitavam um valle fertil da Arabia Petrea, ao meio dia do mar Morto. Cercados por todos os lados de serras empinadas, os temuditas, das suas habitações excavadas na penedia, se jactavam de affrontar a vingança divina. Saleh veio procural os da parte de Deus; «Oh! meus irmãos! fazei penitencia, lhes disse elle, adorai o Deus verdadeiro!» Responderam os temuditas que por bem nenhum terreno largariam o culto de seus pais. Para os convencer fez Saleh sair, porém debalde, do seio d'um rochedo uma camella milagrosa prestes a parir; os impios cada vez mais se endureceram. Imputaram a Saleh artes magicas, e mataram a camella com a sua cria. Então enviou Deus contra elles um anjo, que os colheu de salto uma manhã dentro das suas cavernas, e os matou a todos. Os musulmanos conservam profunda recordação da impiedade dos temuditas e da vingança que Deus tirou d'elles. Mostram ainda as moradas polluidas pela presença d'estes homens criminosos: até creem ouvir nas circumvizinhanças os gritos pungentes da camella, e quando passam por este sitio arredam-se do rochedo fatal. A cria da camella ficou sendo entre elles o symbolo das maiores calamidades; quando os ameaça algum desastre, dizem: «É o grito do camelinho de Saleh.»

Assim passaram os tempos anteriores a Abrahão. Com este patriarcha, a que os musulmanos chamam Ibrahim, começa, para assim dizer, uma nova era. Reputam-n'o o amigo predilecto de Deus e o pai dos

crentes; algumas tribus arabes se ufanam de o ter por avô, e não ha no Oriente nome mais venerado. A vida de Abrahão, salvo o que tiraram da Biblia, segundo o Koran, não é mais do que uma teia de fabulas. As mais singulares são estas:

Abrahão era filho d'Azar, official de Nembrod rei de Babylonia. Tendo Nembrod visto de noite um astro erguer-se no horisonte e desmaiar com seu brilho as outras estrellas, cobrou medo e consultou os adivinhos; todos lhe responderam que este prodigio annunciava o nascimento d'um menino extraordinario, que domaria os principes mais potentes. Assombrado Nembrod, mandou apartar os homens das mulheres; mas ignorava a prenhez da companheira de Azar, a qual se retirou da côrte, e em breve deu á luz Abrahão. Tudo foi inaudito n'este menino: o proprio Deus proveu na sua sustentação: ministrava-lhe um dos seus dedos leite delicioso, e outro ministrava-lhe mel. Ao cabo de quinze mezes estava tão forte como um moço de quinze annos. Desde logo se poz a caminho para Babylonia, deliberado a perfazer as grandes cousas a que era chamado. Todavia ainda não tinha muitas luzes da verdadeira religião. Como o genero humano estava então avassallado pela idolatria e culto dos astros, e o proprio Nembrod se inculcava por Deus, Abrahão não poude vêr sem pasmo os globos magestosos que rodam sobre as nossas cabeças. A acreditar-mos o Koran, quando Ibrahim viu luzir no horisonte a estrella Venus, quiz adora-la; mas reconheceu o seu erro quando ella desapareceu: voltou então os olhos á lua, e fez o mesmo ao sol. Vendo que todos estes astros momentaneamente appareciam na scena do mundo, caminhou com passo firme pela estrada de Deus. Só o estorvava o que ouvira contar de Nembrod e do seu poderio: tanta grandeza deslumbrou-o a principio; porém como Nembrod era medonho de feio, comprehendeu que Deus não havia de mostrar-se com uma cara tão deforme, e não hesitou mais em tributar homenagem á verdade.

Abrahão prégou na cidade de Babylonia; poucas pessoas o ereram; Nembrod foi o mais rebelde as suas exhortações, e como Abrahão recusou adora-lo, o mandou lançar n'uma fornalha ardente. Felizmente, accrescenta Mafoma no Koran, veio Deus em soccorro do seu servo, e o fogo fez-se frio; alguns auctores asseveram que a fornalha se converteu em jardim de rosas. Quanto a Nembrod, crêem os musulmanos que mesmo n'este mundo foi castigada a sua desmedida impiedade: Deus, para lhe confundir a soberba, permittiu que um mosquito pequeno lhe entrasse no cerebro. Nembrod morreu atormentado, batendo com a cabeça pelas paredes do seu palacio, e o seu nome ainda serve no Oriente para designar os tyrannos e os flagellos da especie humana.

Abrahão saiu todavia de Babylonia para visitar a Syria e a Palestina. Os musulmanos citam muitas particularidades em que os nossos livros sagrados não fallam. Por exemplo, quando Sara e Agar deram cadauma d'ellas um filho a Abrahão, e não puderam continuar a viver em paz, este patriarcha pegou em Agar e seu filho Ismael, e os levou para o lugar onde se acha agora a Meca, terra então erma e maninha. Não achando alli Abrahão uma fonte para lhe matar a sede, ia a continuar na sua peregrinação, quando um anjo fez brotar com o pé uma fonte d'agua viva; é o poço que se acha agora ao pé da Caaba, chamado o poço do Zenzem. Abrahão edificou a Caaba; foi o pedreiro, e Ismael o servente. Mostra-se a pedra em que o povo suppõe que elle punha os pés. Regulou as ceremonias da peregrinação, e desde então ficou sendo a Caaba o ponto de reuuião de todos os povos da Arabia. Eis as proprias palavras de

Mafoma ácerca d'este patriarcha: «Abrahão não era judeu nem christão; era orthodoxo e musulmano.» Tal é o artificio empregado pelo propheta para fazer acreditar que a sua religião não era nova, e que se differia da seguida n'aquelle tempo, era porque os impios a tinham corrompido. (Continúa.)

COMBUSTÃO ESPONTANEA DO CARVÃO DE PEDRA. MEIO DE A ATALHAR.

HA pouco tempo ardeu no Tejo uma embarcação grande, que servia de deposito de carvão de pedra para os paquetes inglezes, e muito custou a tira-la d'entre os mais navios que podia incendiar caíndo sobre elles com a força da corrente. Ter-se-hia poupado esta desgraça e a perda da galera S. Domingos Eneas, empregando-se o seguinte methodo, achado pelo capitão Carpenter.

É preciso ter muitos canudos de ferro batido, cheios de buracos na extremidade que fica para a parte de haixo. Estes canudos enterram-se no carvão quasi até o fundo do barco, separados algumas polegadas da borda do navio, onde se atam bem. A parte superior dos canudos deve subir até a coberta do barco, e estarão dispostos de modo que facilitem a ventilação, sem que deixem entrar a humidade no carvão. Cumpre ao mesmo tempo ter tudo prompto para fazer entrar uma grande porção d'agua nos barcos de carvão, com que vão a pique no caso d'incendio. A agua produz então dois effeitos: apaga o fogo no lugar do perigo, e, entrando pelos canudos, impede toda a ventilação, e concorre para extinguir o incendio.

É evidente que a causa das combustões espontaneas é a accumulção dos gases, provenientes da humidade do carvão; n'este estado o calor ou a fricção produzem o fogo. Para o evitar é preciso deixar circular livremente o ar atmospherico por entre o carvão.

INFLUENCIA NOCIVA DA NOGUEIRA.

A GENTE do campo nunca deixa de avisar os seus conhecidos que a vem vêr de que não devem parar debaixo das nogueiras. Muitas pessoas dignas de fé se queixam de ter sentido dôres de cabeça, deliquios, e nauseas, por se terem demorado á sombra das nogueiras; incommodos que lhes passaram tanto que se affastaram d'ellas. Até ha quem conte as mortes d'algumas pessoas que adormeceram ao pé d'estas arvores. Mr. d'Humbras Firmas, julgando que estas asserções obrigavam a um exame, fez experiencias endiometricas a diferentes horas do dia, em tempo calmoso, com o céu sereno, e em tempo de chuva, para indagar se o ar era menos puro á sombra das nogueiras do que á sombra das outras arvores, e no meio dos campos. Não lhe achou differença sensivel, e pensa que os máus effeitos apontados só podem ser attribuidos ao cheiro soporifico que exhala a nogueira. Procurou além disso certificar-se se a visinhança da nogueira fazia mal ás plantas, e effectivamente conheceu que os cereaes em particular, estando ao pé da nogueira, soffriam uma perda proporcional á copa da arvore.

QUEM ama a gloria, teme a infamia, e não resiste ao vicio, assemelha-se ao que, temendo a humidade, se aloja no meio d'um paul.